

SUMÁRIO

- **Editorial**
- **Comédia Religiosa: revivendo o nascimento de Cristo - Nizeth Medeiros**
- **Gira Mundo - Michol Carvalho**
- **No Caratatiua, meio século de homenagens ao Menino Jesus - Luzandra Diniz**
- **Os herdeiros de Zomadonu: patrimônio e direito cultural - Raul Lody**
- **Sapato - Carlos de Lima**
- **31 de dezembro - Dia de Festa no Mar - Mundicarmo Ferretti**
- **O Natal de minha infância - Zelinda Lima**
- **Festa de Santa Bárbara e Sincretismo - Sérgio Ferretti**
- **Histórias de Alcântara pela voz de seus personagens - Izaurina Nunes**
- **Notícias**
- **Perfil Popular - Denir Prata Jardim - Maria do Rosário Santos**

COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE - CMF

DIRETORIA:

Presidente: Sérgio Figueiredo Ferretti
 Vice-presidente: Carlos Orlando de Lima
 Secretária: Izaurina Maria de Azevedo Nunes
 Tesoureira: Maria Michol Pinho de Carvalho

CORRESPONDÊNCIA:

CENTRO DE CULTURA POPULAR DOMINGOS VIEIRA FILHO
 Rua do Giz (28 de Julho), 205/221 – Praia Grande.
 CEP 65.075-680 – São Luís – Maranhão
 Fone: (098) 231-1557 / 231 9361

As opiniões publicadas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não comprometendo a CMF.

CONSELHO EDITORIAL:

Sérgio Figueiredo Ferretti
 Carlos Orlando de Lima
 Izaurina Maria de Azevedo Nunes
 Maria Michol Pinho de Carvalho
 Mundicarmo Maria Rocha Ferretti
 Zelinda de Castro Lima
 Roza Santos

EDIÇÃO:

Izaurina Maria de Azevedo Nunes

VERSÃO PARA A INTERNET:

Oscar Adelino Costa Neto

ENDEREÇO ELETRÔNICO:

www.cmfolclore.ufma.br

E-MAIL:

cmfolclore@ufma.br

Comédia Religiosa: revivendo o nascimento de Cristo

Nizeth Medeiros

No povoado de Soroneca, no município de São Bento, todos os anos, à meia-noite do dia 25 de dezembro, acontece uma dramatização que mostra, de forma cômica, as visitas que Jesus recebeu ao nascer - a Comédia Religiosa. A principal intenção da brincadeira é homenagear o nascimento de Jesus Cristo.

A fonte de inspiração para a organização da dramatização é a Bíblia. O tema central é o nascimento de Jesus, fato que motiva o desenvolvimento da dramatização com a representação de trechos bíblicos tais como: a anunciação a Maria, a fuga para o Egito, o recenseamento decretado por Herodes, o aviso que os Reis Magos tiveram em sonho sobre a visita que deveriam fazer ao menino guiados por uma estrela, a notícia que fez os pastores de ovelhas se deslocarem para o estábulo onde se encontrava o Deus Menino, entre outros. Cânticos, recitativos, bailados e diálogos desenvolvidos pelo elenco transmitem o enredo.

Os personagens que compõem o elenco são: pastor-guia, anjo, pastor mestre, pastora mestra, florista, um casal de camponeses, um casal de galegos, uma pastorinha, um personagem por nome Sarah, duas ciganas e treze casais que formam um cordão chamado de pastores de cordão.

Os trajes caracterizam especificamente cada personagem com exceção dos pastores do cordão que possuem trajes iguais.

Os participantes são pessoas simples, habitantes do povoado e arredores.

A apresentação dura, em média, quatro horas. Há aproximadamente, 59 anos a Comédia vem sendo apresentada sob a direção de variados dirigentes. Nestes últimos anos o responsável pela montagem do espetáculo é o senhor José Costa

Gira Mundo

Michol Carvalho

O artista plástico maranhense Paulo César passou cerca de um ano em Lisboa, de setembro de 1998 a agosto de 1999, onde fez um estágio no Museu Nacional do Azulejo, vinculado ao Ministério da Cultura de Portugal.

O estágio foi dividido em quatro relatórios, sendo que, no momento, Paulo César se dedica à elaboração do relatório final, voltado para a inventariação de problemas de conservação e restauro em fachadas azulejadas de São Luís.

Desejoso de aplicar os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos em terras lusitanas, o artista, assim que chegou a São Luís, aceitou o convite para ministrar a disciplina Azulejaria, de 60 horas/aula, no Curso de Preparação de Guias de Museu, promovido, com recursos do Programa Capacitação Solidária, pela Comissão Maranhense de Folclore/Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho.

Paulo César pretende, também, desenvolver nessa área de atuação, trabalho de restauro de peças do Museu Histórico e Artístico do Maranhão e contribuir para o funcionamento, na Universidade Federal do Maranhão, de um espaço livre para que o aluno do curso de Educação Artística trabalhe na fabricação de azulejos.

Parabéns e sucesso nessas iniciativas.

No Caratatiua, meio século de homenagens ao Menino Jesus

Luzandra Diniz

A idéia de armar presépios surgiu com São Francisco de Assis no século XIII e que tornou-se costume com o passar dos anos, ficando marcante na época natalina essa bonita forma de lembrar o nascimento do Menino Jesus. Geralmente os presépios são armados nas Igrejas e no interior dos lares. Porém, em São Luís, alguns bairros tinham costume de armar o presépio na rua como no Codozinho e no Caratatiua. Atualmente essa tradição é mantida pelos moradores do Caratatiua. E vem sendo feito desde 1947. Os idealizadores do presépio foram dois amigos, seu Raimundo Ciro Costa (popular Dito) e Seu José Pessoa Filho. Os dois gostavam de fazer músicas e comédias. E através dessas comédias surgiu a idéia de armar o presépio. Contudo, em razão da falta de espaço, pois as casas eram muito pequenas (porta e janela), resolveram fazê-lo ao ar livre.

No dia 20 de dezembro começam os preparativos para que no dia 24 o presépio esteja armado.

Quando fundado, o presépio ficava localizado na rua Sempre Viva. Depois mudou-se para a praça do Caratatiua. Em 1950, foi armado na rua Antônio Bayma esquina com a rua do Caratatiua onde permanecendo até hoje. O material utilizado na sua montagem é o ariri, a murta e a palha, seguindo o estilo rústico, tentando representar o mais fiel possível aquela manjedoura, onde o Menino Jesus nasceu. É constituído de 23 imagens: a sagrada Família, o anjo Gabriel, os Reis Magos, os pastores, animais (galo, cavalo, burro, vaca). A rua também é ornamentada para receber o presépio. É toda iluminada e enfeitada com bandeirinhas e sinos de natal.

Há sempre uma pessoa que é escolhida na comunidade por ser benquista no bairro e ser muito católica, para que fique responsável em guardar as imagens e a ornamentação em sua residência após o término da festa - Dia de Santo Reis (06 de janeiro). Atualmente a pessoa encarregada dessa função (o colaborador), é o Senhor Hélio Braga, que também faz parte do Movimento Cultural da Região do João Paulo.

Para Seu Dito não é um simples costume de armar um presépio e sim uma festividade. Há toda uma programação durante o festejo (24 de dezembro a 06 de janeiro) que compreende ladainhas todas as noites às 19:00 hs, procissão que percorre a periferia do bairro no dia de Santo Reis, além de outras manifestações culturais como Pastor e Reisado. Há também a colaboração dos noitantes que são grupos de pessoas que ficam responsáveis pela festividade daquela noite. Faz parte da festividade um leilão que é resultado de doações da própria comunidade. E o que se arrecada, fica para ajudar na ornamentação do próximo ano.

A confraternização dos moradores acontece na véspera de Natal, também ao ar livre. Após a tradicional ladainha, é posta uma grande mesa, onde cada um contribui, formando uma bela ceia. Segundo Seu Dito, "os jovens que integram as outras manifestações culturais como o bloco Os Liberais e o Bumba-meu-boi da Lua fazem parte do grupo e gostam de colaborar com essa festa tão antiga, que vem desde o início do mundo. Eles acompanham a procissão e a queimação de palhinhas, contudo sempre obedecendo os antigos.

Apesar desse comprometimento dos mais jovens com o presépio, Seu Dito, como um dos fundadores, ao mesmo tempo que se sente feliz em estar envolvido com esse trabalho, se sente obrigado, pois teme por uma "represália cotidiana" [sic]. Ele nos relatou um caso ocorrido com um dos colaboradores, o Sr. Patrício, que durante um certo tempo ficou responsável pelo presépio e, após o falecimento de sua esposa, tornou a se casar e posteriormente mudou de religião. E, 10 dias antes do Natal, no dia da primeira reza ele faleceu. "Então isso foi um exemplo que nós tivemos que a gente não pode deixar porque sempre acontece isso. A pessoa tá dentro de uma religião, deixar pra outra acontece qualquer coisa na família dele."

Uma das dificuldades levantadas pelo Seu Dito para manter essa tradição, além da falta de recursos, é o fato da comunidade mudar muito, ou seja, os antigos moradores saem do bairro, outros já faleceram e com isso os novos que chegam costumam a se integrarem, a participarem com mais intensidade da festividade. Contudo, os antigos moradores como Seu Dito, Seu Raimundinho e D. Juveniza, além do Movimento Cultural da Região do João Paulo, que foi criado para manter a tradição e resgatar a cultura popular, estão convictos do que querem, que é jamais deixar morrer esse festejo natalino do Caratatiua.

(Texto redigido a partir de entrevista concedida pelo Sr. Raimundo Costa, em novembro de 1999).

No Caratatiua, meio século de homenagens ao Menino Jesus

Luzandra Diniz

A idéia de armar presépios surgiu com São Francisco de Assis no século XIII e que tornou-se costume com o passar dos anos, ficando marcante na época natalina essa bonita forma de lembrar o nascimento do Menino Jesus. Geralmente os presépios são armados nas Igrejas e no interior dos lares. Porém, em São Luís, alguns bairros tinham costume de armar o presépio na rua como no Codozinho e no Caratatiua. Atualmente essa tradição é mantida pelos moradores do Caratatiua. E vem sendo feito desde 1947. Os idealizadores do presépio foram dois amigos, seu Raimundo Ciro Costa (popular Dito) e Seu José Pessoa Filho. Os dois gostavam de fazer músicas e comédias. E através dessas comédias surgiu a idéia de armar o presépio. Contudo, em razão da falta de espaço, pois as casas eram muito pequenas (porta e janela), resolveram fazê-lo ao ar livre.

No dia 20 de dezembro começam os preparativos para que no dia 24 o presépio esteja armado.

Quando fundado, o presépio ficava localizado na rua Sempre Viva. Depois mudou-se para a praça do Caratatiua. Em 1950, foi armado na rua Antônio Bayma esquina com a rua do Caratatiua onde permanecendo até hoje. O material utilizado na sua montagem é o ariri, a murta e a palha, seguindo o estilo rústico, tentando representar o mais fiel possível aquela manjedoura, onde o Menino Jesus nasceu. É constituído de 23 imagens: a sagrada Família, o anjo Gabriel, os Reis Magos, os pastores, animais (galo, cavalo, burro, vaca). A rua também é ornamentada para receber o presépio. É toda iluminada e enfeitada com bandeirinhas e sinos de natal.

Há sempre uma pessoa que é escolhida na comunidade por ser benquista no bairro e ser muito católica, para que fique responsável em guardar as imagens e a ornamentação em sua residência após o término da festa - Dia de Santo Reis (06 de janeiro). Atualmente a pessoa encarregada dessa função (o colaborador), é o Senhor Hélio Braga, que também faz parte do Movimento Cultural da Região do João Paulo.

Para Seu Dito não é um simples costume de armar um presépio e sim uma festividade. Há toda uma programação durante o festejo (24 de dezembro a 06 de janeiro) que compreende ladainhas todas as noites às 19:00 hs, procissão que percorre a periferia do bairro no dia de Santo Reis, além de outras manifestações culturais como Pastor e Reisado. Há também a colaboração dos noitantes que são grupos de pessoas que ficam responsáveis pela festividade daquela noite. Faz parte da festividade um leilão que é resultado de doações da própria comunidade. E o que se arrecada, fica para ajudar na ornamentação do próximo ano.

A confraternização dos moradores acontece na véspera de Natal, também ao ar livre. Após a tradicional ladainha, é posta uma grande mesa, onde cada um contribui, formando uma bela ceia. Segundo Seu Dito, "os jovens que integram as outras manifestações culturais como o bloco Os Liberais e o Bumba-meu-boi da Lua fazem parte do grupo e gostam de colaborar com essa festa tão antiga, que vem desde o início do mundo. Eles acompanham a procissão e a queimação de palhinhas, contudo sempre obedecendo os antigos.

Apesar desse comprometimento dos mais jovens com o presépio, Seu Dito, como um dos fundadores, ao mesmo tempo que se sente feliz em estar envolvido com esse trabalho, se sente obrigado, pois teme por uma "represália cotidiana" [sic]. Ele nos relatou um caso ocorrido com um dos colaboradores, o Sr. Patrício, que durante um certo tempo ficou responsável pelo presépio e, após o falecimento de sua esposa, tornou a se casar e posteriormente mudou de religião. E, 10 dias antes do Natal, no dia da primeira reza ele faleceu. "Então isso foi um exemplo que nós tivemos que a gente não pode deixar porque sempre acontece isso. A pessoa tá dentro de uma religião, deixar pra outra acontece qualquer coisa na família dele."

Uma das dificuldades levantadas pelo Seu Dito para manter essa tradição, além da falta de recursos, é o fato da comunidade mudar muito, ou seja, os antigos moradores saem do bairro, outros já faleceram e com isso os novos que chegam costumam a se integrarem, a participarem com mais intensidade da festividade. Contudo, os antigos moradores como Seu Dito, Seu Raimundinho e D. Juveniza, além do Movimento Cultural da Região do João Paulo, que foi criado para manter a tradição e resgatar a cultura popular, estão convictos do que querem, que é jamais deixar morrer esse festejo natalino do Caratatiua.

(Texto redigido a partir de entrevista concedida pelo Sr. Raimundo Costa, em novembro de 1999).

Sapato

Carlos de Lima

Acordou assustado, assustado, esfregou os olhos e viu que a manhã entrava pelos buracos da parede de sapato, coava-se pelas palhas do teto. Levantou-se e abriu a janela e a luz invadiu a sala-quarto-cozinha (que tudo era a mesma coisa) uma claridade ainda vaga, imprecisa, porque era cedo. Só então foi olhar debaixo da rede. E não viu nada. Ou melhor, viu que não havia nada. Papai Noel, já tinha passado! Na certa! Já era quase dia! Tinha lhe dado o bolo! Filho da.... Dizia aquilo como quem dissesse - Maroto!

Na fila da torneira de Zé Pilão, quando fora encher água, à tardinha, ouvira falar no Natal, em Papai Noel, que nessa noite viria botar presentes debaixo das redes dos meninos. Mas "Suíno" (o que seria Suíno? Ora, era um nome como José, como Pedro) lhe dissera que Papai Noel só dava brinquedo para quem tinha sapatos. E logo "Cai do Pau" o repreendera:

- Deixa de sê besta! Papai Noel não existe. É mentira do pai da gente... esse negócio de um velho que vem do céu, de noite, pra dá brinquedo, tudo isso é mentira da grande. E besta é quem acredita.

Mas ele acreditara. Porque não? Se tinha gente que subia e descia do céu, nos aviões que roncavam por cima dos casebres, porque Papai Noel, que era santo, não podia descer do céu, de avião ou noutra coisa, pra vir dar presente no Natal? Se ele era santo, santo faz o que quer, pode mais do que o cabo

Santana, que acabava festa debaixo de bala e não pagava a cachaça que bebia na barraca de Serapião. Santo pode muito! Papai Noel, portanto, podia vir do céu até pulando numa nuvem pra outra, no reboque de um avião, de paraquedas, como aqueles caras do cartaz pregado no muro da Quinta.

Isso de poder, Papai Noel podia. E devia ter vindo. Ele, Bernardino (de apelido Bicudo) é que adormecera e não vira quando ele chegou. Que aporrinhção! Deitara-se com sentido de não dormir, de ficar à espera... mas estava tão cansado dos trabalhos do dia - encher água, buscar leite para D. Maria e entregar na casa dela, vender cocada pela cidade e chegar a tempo de levar a marmitta de Seu Feliciano na construção; pegar a bóia, na carreira, porque já era hora de entregar roupa lavada às freguesas... Voltava quase de noite e enchia água de novo sem nem ter certeza de ganhar uma chepinha antes de deitar. Naquela noite, deitara com fome. E quase sempre a fome não o deixava dormir. Pois não é que nessa noite dormira de vez? Diabo! parecia de propósito!

Até rezara, pedira até pelo bem da Mãe de Jesus, por tudo... e nada adiantou... Será que tinha feito alguma malinação? Não, não tinha feito nada. Há muito tempo que não lambia as cocadas do tabuleiro, nem tomava banho no Genipapeiro, não jogava bola atrás do Quartel... Vivia se privando de tudo justamente para merecer a bondade de Papai Noel. E pra que? Pra nada.

Suíno é que sabia, Suíno é que tinha razão. Papai Noel nada deixara porque não encontrara sapatos debaixo da rede. Ora, sapato! Ele nunca tivera sapato!...

Nascera num monturo, pelo menos foi o que Dona Isabel lhe contou, pois se foi ela que o recolheu no meio do lixo e o levou para casa pra criar! Era feio, magro, fraquinho e todo mundo que ia vê-lo fazia um muxoxo e sentenciava: Esse não se cria! Pois se criou, e se continuou magro e feio, era forte, de boa saúde, trabalhando o dia inteiro, no sol e na chuva, sem nunca se gripar, ao menos.

Gostava de dona Isabel que, se o tratava com energia, sabia ser justa e às vezes até carinhosa, como naquele dia em que seu Marcelino veio fazer queixa de que "aquele moleque" dera no filho dele. Mas nem foi ele que provocou, foi o filho de seu Marcelino mesmo! Ele ia passando com o tabuleiro de cocada e o menino chamou:

- Ê, viado!

Nem ligou. Era brincadeira, sabia, não fazia mal.

- Ê filho da puta! - Ah! agora não! A mãe não! Nem aquela ignorada, desconhecida, aquele mistério, uma cousa atoa, um feitiço que nem sabia dizer, nem dona Isabel. A mãe não, não admitia. Fosse quem fosse. Apanhava, mas reagia. Fechou a mão, ergueu o braço e o soco soou surdo numa voz de raiva, derrubando o patife. Aí, o que ele ia fazer?

É certo que não sabia quem era a sua mãe verdadeira. Mas ninguém também sabia. E se ele insultava assim, era com dona Isabel que estava falando. E com dona Isabel ninguém mexia que ele não desse troco. Pra todos os efeitos dona Isabel era sua mãe, a quem tomava benção todos os dias e de quem gostava principalmente porque lhe dissera a verdade, não o enganara, não pretendia o lugar de sua mãe.

Pois naquele dia, dia dona Isabel, magrinha, com a carapinha já pintando, ficou na ponta dos pés, "trepou nos tamancos", com ela mesma dizia, e revidou o insulto de seu Macico:

- Moleque não, engula o desaforo. Meu filho é tão menino como o seu, melhor ainda porque trabalha, me ajuda a ganhar a vida, não é vagabundo como o seu. Me respeite e respeite o menino que me disse que não fez nada, ia passando e foi insultado! Por que? Porque que seu filho acha que pode insultar o meu? Porque se acha rico? Porque você é dono de quitanda, porque eu estou devendo, é por isso? Eu lhe pago com ajuda de Deus! Mas por isso vocês não têm o direito de insultar o menino. Por que ele é filho-da-puta se nem você nem ninguém sabe quem foi a mãe dele? Agora tem muita puta aqui que eu conheço e conheço muito bem! Pois meta sua quitanda no rabo e faça bom proveito!

Abraçou o filho, deu meia volta e entrou em casa, deixando seu Macico de boca aberta, no meio da rua apatetado, besta sem saber o que dizer...

Desse dia em diante passou a gostar mais de dona Isabel, amá-la mesmo e até chegou a ensaiar, timidamente, chamá-la "Mãe Isabel".

- Não, meu filho, deixa disso. Eu sei que tu gostas de mim. Eu também te quero como filho... Mas Mãe só se tem uma, tirando Nossa Senhora... Me chama mesmo de dona Isabel que tua mãe, apesar de nem se saber quem é, continua existindo e sendo tua mãe...

Aquilo é que era uma mulher! Assim é que deviam ser todas as mães. Inclusive a dele, a verdadeira. Porque seria que ela o teria abandonado no lixeiro? Tivera algum motivo... ah! isso tivera, porque, pelo que já tinha ouvido, as mães eram criaturas boas, divinas, quase santas e não era possível, que só a sua fosse malvada a esse ponto. Era um mistério. Não tinha mãe ou tinha duas? Uma, misteriosa e ignorada, e outra bondosa e amante, que o criara e agora defendia, corajosa, como uma mãe de verdade?

É, tinha duas mães. Mas não tinha um sapato, uma banda ao menos, que dona Isabel ainda não tivera dinheiro para tanto.

Mesmo, nunca tivera assim interesse por um sapato. Não sentia falta dele. Pra que? Gostava da comodidade do pé no chão, livre, em contacto com a natureza. Sabia bem quando o asfalto esquentava mas tinha uma defesa grossa na sola dos pés que aos poucos se formou pelo atrito com o chão. Ria quando os outros, os maricas de sapatos, pulavam temerosos, na ponta dos pés, para atravessar a estrada. Quando chovia, que delícia abandonar a calçada, andar pela sarjeta, a água no meio das canelas finas, escorrendo por entre os dedos, gostoso!

Um galo cantou ao longe:

- Pa-pa-a-a-ai No-e-e-e-el!

Era Natal. O velhinho andara pelos telhados, entrando misteriosamente pelas casas, botando presentes nos sapatos das crianças.

Todo mundo devia estar alegre. Papai Noel tinha botado presente em todos os sapatos.

E ele não tinha sapato!

Então era mesmo preciso ter um sapato para ganhar presente de Papai Noel?! Nem sendo direito, não fazendo artes... nada disso adiantava? Só tendo sapato?

Porque Papai Noel não botava essa droga de presente no chão, no peitoril da janela, num lugar qualquer? Qual...

- Que mania mais besta essa de sapato!!!

(Transcrito do livro "Esperando a Missa do Galo", de José Nascimento Moraes Filho).

31 de dezembro - Dia de Festa no Mar

Mundicarmo Ferretti

Quem vai à praia na manhã do primeiro dia do ano costuma encontrar na areia flores, velas e, não raramente, perfumes, pentes, espelhos e outras coisas que foram jogadas ao mar, na noite anterior, por devotos de Iemanjá. Não sabemos muito bem onde e quando começou esse costume, mas sabemos que ele surgiu no meio afro-brasileiro, que teve uma grande difusão no Rio de Janeiro na década de 1950, que foi e continua sendo muito incentivado pela Umbanda, e que tornou-se tradicional em muitas cidades brasileiras. Segundo informação do Sr. José Pinheiro, ex-presidente da Federação de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros do Maranhão, a primeira festa no mar realizada pelos umbandistas de São Luís ocorreu no ano de 1961. De lá para cá ocorre todos os anos na praia do Olho d'Água, onde foi erguida uma grande estátua de Iemanjá, representada como uma jovem de pele clara e cabelos lisos. Mas o culto a Iemanjá é originário da África negra e foi difundido originalmente nas Américas pelos povos iorubá, mais conhecidos no Brasil como nagô. Iemanjá é um orixá das águas salgadas. O mar é a sua morada e o seu reino, daí porque se costuma fazer oferendas a ela na praia e porque ela é simbolizada por um peixe.

Iemanjá costuma ser também representada pelos umbandistas como uma sereia ou Mãe d'Água, metade peixe e metade mulher, figura encontrada tanto no folclore europeu como na cultura indígena brasileira, como lembra Câmara Cascudo. Segundo Pierre Verger, Iemanjá é filha de Olokum, deus ou deusa do mar. Ela é a mãe de muitos orixás cultuados na religião afro-brasileira, inclusive de Oxossi, por quem, segundo uma lenda, chorou tanto que suas lágrimas se transformaram num rio que corre para o mar. É mais pacífica do que guerreira. É a mãe possessiva que acompanha os filhos crescidos e que faz de tudo para não perdê-los. Segundo Monique Augrás, é a "mãe-amante", figura ambivalente e, por conseguinte, muito poderosa.

Festejo de Iemanjá em terreiros afro-brasileiros

Devido ao sincretismo da religião africana com o catolicismo, Iemanjá foi identificada com Maria, mãe de Jesus, e é homenageada nos terreiros em datas em que esta é festejada na Igreja Católica. A maioria dos terreiros faz a sua festa para Iemanjá nos dias 2 de fevereiro (dia de Nossa Senhora das Candeias) ou no dia 8 de dezembro (festa de Nossa Senhora da Conceição), mas alguns rendem homenagem a ela no dia 15 de agosto (dia de Nossa Senhora da Glória ou da assunção de Maria), no dia 31 de maio (encerramento do mês mariano) ou em outra data associada à vida da mãe de Jesus.

Tivemos a oportunidade de observar alguns rituais realizados em homenagem à Iemanjá em vários terreiros de São Luís, em um terreiro de Natal (RN), em um de São Paulo, e em um terreiro de Santos (SP). No Boletim nº 9 da Comissão Maranhense de Folclore, de dezembro de 1997, fizemos uma rápida descrição dos rituais realizadas em São Luís, no dia de Nossa Senhora da Conceição, nos terreiros de Mãe Elzita (no Sacavém) e de Jorge Itaci (na Travessa Fé em Deus). Hoje vamos falar das homenagens feitas a ela no dia 2 de fevereiro em dois terreiros da capital maranhense: a Casa de Nagô e a Casa Fanti-Ashanti. Vamos falar também de festa no mar para Iemanjá, realizada em várias cidades do litoral brasileiro, no dia 31 de dezembro.

2 de fevereiro na Casa de Nagô

No dia 2 de fevereiro, a Casa de Nagô, matriz iorubana do Tambor de Mina consagrada ao orixá Xangô, realiza um toque para homenagear Iemanjá e o ritual conhecido como "queimação de palhinhas", quando são queimados os galhos secos de murta e de outras plantas que enfeitaram o presépio, armado antes do Natal. Esse ritual, que é realizado na Casa das Minas no dia 19 de Janeiro, ocorre também em muitos outros terreiros da capital maranhense.

A importância de Iemanjá na Casa de Nagô é muito grande pois, além dela ser a "grande mãe" da mitologia iorubá, é a mãe do dono da casa (de Xangô). Iemanjá esteve também, por mais de 20 anos, na chefia espiritual daquele terreiro, pois, entre 1967 e 1988, ele foi comandado por uma filha daquele orixá:

Vitorina Tobias dos Santos, a inesquecível Mãe Dudu. Afirma-se que a importância de Iemanjá na casa vem desde o tempo de suas fundadoras africanas e que, devido a essa importância, a queimação das palhinhas do presépio é realizada ali no dia 2 de fevereiro.

Alguns pais-de-santo da Mina maranhense, como Jorge Itaci, que também é filho daquele orixá, consideram a Iemanjá cultuada na Casa de Nagô a mesma Nochê Abê, da Casa das Minas-Jeje, vodum que, até bem pouco tempo, era festejado pela falecida dona Justina, no dia de São Marçal (30 de junho). Entretanto, se costuma dizer na Casa das Minas que o Xangô, da Casa de Nagô, é o mesmo Badé Quevioosô, cultuado naquele terreiro Jeje, mas Iemanjá é uma entidade e Abê é outra. Explica-se também ali que, apesar de Abê ser encantada no mar e de ser simbolizada por um peixe, é um vodum dos astros, tal como o seu inseparável irmão Averequête. Mas Iemanjá é também muito querida na Casa das Minas. Uma prova de apreço que os jejes da Casa das Minas têm para com ela é a existência ali, na entrada do "come" ou "comê" (quarto de santo), de um quadro de Iemanjá, semelhante ao encontrado na Casa de Nagô. Fala-se também ali que, quando havia toque naquelas duas casas, às vezes, Iemanjá vinha em Dudu na Casa de Nagô e "fugia" com ela para a Casa das Minas, para cumprimentar os voduns que estavam "em terra". É possível que Iemanjá seja ali uma espécie de substituta de Nochê Naê (ou Sinhá Velha), vodum que, apesar de receber na casa duas homenagens especiais por ano (em 24 de junho e 25 de dezembro), não incorpora em ninguém. Mas Nochê Naê tem sido identificada na Casa das Minas com outro orixá, com Nanã, entidade mais conhecida no Maranhão como Vó Missã, que recebe obrigação ali no Sábado de Aleluia, mas pode ser também festejada no dia 4 de dezembro, junto com sua irmã Sobô, ou no dia 26 de julho (dia de Santana), quando costuma ser homenageada em outros terreiros de São Luís.

Panela de Iemanjá na Casa Fanti-Ashanti

A festa da Casa Fanti-Ashanti para Iemanjá é também realizada no dia 2 de fevereiro, tal como na Casa de Nagô, ou no sábado próximo àquela data. Apesar de geralmente durar apenas um dia, destaca-se no calendário da casa pelo luxo e beleza. É iniciada com um toque de Candomblé, onde ela é a grande homenageada e costuma ser paramentada. Durante aquele toque é entregue a Iemanjá uma oferenda acondicionada em uma panela de barro, que é levada por ela ao mar. Esse ritual, conhecido como "Panela de Iemanjá", é realizado tradicionalmente em terreiros de Pernambuco e foi introduzido na Casa Fanti-Ashanti depois que Pai Euclides estreitou suas ligações com terreiros daquele Estado. Tivemos a oportunidade de assistir à saída de uma "Panela de Iemanjá" em um terreiro de Natal (RN), no ano de 1980, e em um terreiro de São Paulo, em dezembro de 1989, ambos ligados a Pernambuco. E, em São Luís, assistimos esse ritual várias vezes na Casa Fanti-Ashanti.

Na "Panela de Iemanjá" os filhos e devotos daquele orixá vão ao mar vestidos de branco ou de branco e azul, tal como ocorre em muitas casas no dia 31 de dezembro, e fazem entrega de um presente acondicionado numa panela de barro ricamente decorada com flores e fitas de cetim, onde se costuma colocar bilhetes e presentes semelhantes aos oferecidos a Iemanjá no Réveillon (perfumes, pentes, espelhos, colares, pulseiras, etc). A festa de Iemanjá da Casa Fanti-Ashanti é comandada por Maria José Menezes, uma das irmãs do pai-de-santo (Euclides Ferreira), que é ekedi de Iemanjá e que foi por ele preparada para servir àquele orixá, e termina com uma refeição à base de peixe.

Homenagem a Iemanjá no dia 31 de dezembro

As homenagens feitas na praia à Iemanjá no dia 31 de dezembro não têm a intimidade habitual dos rituais da religião afro-brasileira e, talvez, por isso mesmo, não conseguem, geralmente, mobilizar os terreiros mais antigos e tradicionalistas, nem em São Luís nem em outras cidades onde elas ocorrem. As que são realizadas em outras datas, mesmo quando incluem uma visita à praia, têm um caráter mais comunitário, difícil de ser preservado quando o ritual ocorre na praia, em 31 de dezembro, pois, naquela data, a praia fica repleta de pessoas que não têm ligação com os terreiros que estão fazendo suas oferendas, que têm pouca ligação com a religião afro-brasileira ou que desconhecem o significado do que ali está sendo realizado pelos devotos. Muitos terreiros, para evitar aquela situação e/ou para fugir ao congestionamento de trânsito e dificuldade de estacionamento que costuma acontecer naquela ocasião, preferem levar seu presente para Iemanjá bem antes da meia noite ou procuram entregá-lo em uma parte da praia menos disputada.

Em 1978, passando o Réveillon na casa de uns amigos na Praia de Olho d'Água, fomos ver de perto o festejo realizado na praia, para Iemanjá, pelos umbandistas. Mas, como ainda não fazíamos pesquisa sobre religião afro-brasileira e não conhecíamos nenhum dos terreiros que estavam ali representados, nossa observação do ritual foi muito pobre e lembramos pouca coisa dele. Dez anos depois, estando em São Paulo, passamos um Réveillon em Santos e acompanhamos um terreiro que realizava no dia 31 de dezembro uma oferenda para Iemanjá, a Casa das Águas Mãe Maria, que se definia como de "nação" mina.

Desta vez participamos do ritual de preparação da oferenda, que foi realizada no barracão, com o pessoal da Casa cantando para os orixás. Fomos também à praia e voltamos ao terreiro com o grupo para uma ceia de confraternização e para um encontro com a Pombagira, que era tradicionalmente recebida naquela data pelo pai-de-santo. A ceia foi à base de frango e lentilha, comida tradicional de Réveillon em famílias paulistas de origem italiana, como a do pai-de-santo. Não tinha, portanto, relação nem com Iemanjá e nem com a Pombagira.

A oferenda para Iemanjá não foi levada num barquinho, como ocorre em muitos terreiros, mas numa cesta, tal como acontece com o presente preparado na Casa Fanti-Ashanti para Oxum, em torno de 8 de dezembro. A cesta foi forrada com uma toalha branca e a oferenda, depois de pronta, foi regada com mel e coberta com palmas de Santa Rita, de cor branca. Antes de sair do barracão, foi derramado sobre ela um vidro de perfume. A entrega do presente foi feita pelo próprio pai-de-santo que, entrando no mar, colocou a cesta dentro d'água, o mais longe possível da areia e dos olhos ou da mão dos curiosos.

Geralmente se diz que, após a entrega do presente, os devotos não devem mais se preocupar com ele, pois já não mais lhe pertence, e que não devem mais olhar para traz, em respeito à Iemanjá, pois ela deve vir recebê-lo. Mas, há quem tenha o cuidado de esvaziar os vidros de perfume, para que ninguém se aproprie deles. Outra vez quando fomos a Santos em 31 de dezembro, fomos surpreendidos por um menino que, de sacola na mão, nos perguntou se podia ficar com os "desodorantes" oferecidos à Iemanjá. Depois de refletir um pouco, falamos: "você tem que pedir licença à Iemanjá". Ele então nos perguntou: "onde ela está?". E nós respondemos, "se você procurar bem, vai terminar encontrando"... O menino afastou-se pensativo e nós ficamos sem saber como ele resolveu o problema.

Oferenda para Pombagira no ano novo

Até 1988 desconhecíamos que os terreiros de Umbanda faziam também oferenda na praia para Pombagira na "virada do ano". E, como no caso observado em Santos, a oferenda para ela, além de ter sido menor e de não ter sido preparada no salão, saiu depois do presente de Iemanjá, poderia ter passado despercebida se não estivéssemos tão interessados nos mínimos detalhes do ritual. Quando chegamos à praia observamos que, enquanto o grupo entrava no mar acompanhando o pai-de-santo e colocava na água o presente de Iemanjá, uma das filhas da casa ficara para trás e, observando seus movimentos, vimos que ela derramou uma garrafa de champagne na areia e que colocou à beira da praia, sobre um lenço de seda vermelho, um prato dourado com cigarros acesos, botões de rosa vermelha, e mais algumas outras coisas que não pudemos identificar, e que cercou aquela oferenda com velas acesas.

Embora a constatação de que na noite de 31 de dezembro são realizadas oferendas também para Pombagira tenha nos causado surpresa, não nos causou estranheza. A festa no mar para Iemanjá, organizada naquela data, além de ser uma festa fora de casa, é realizada a partir da meia noite, contexto em que se costuma homenagear a Pombagira, que é a dona da noite e da rua. Ocorre também em pleno "Réveillon" que, ao contrário do Natal, costuma ser uma festa mais profana do que religiosa, ser realizada fora de casa (em clubes, bares e outros locais públicos recreativos). Costuma ser também uma festa muito alegre, onde se faz uso de roupas luxuosas, de bebidas alcoólicas e se costuma fazer muitas outras coisas que são apreciadas pela Pombagira.

Festa no mar para Iemanjá - ritual religioso ou "folclore"?

Depois de 1988, continuamos a encarar a festa no mar para Iemanjá, de 31 de dezembro, como um festival de cultura afro-brasileira, mas passamos também a valorizar a participação dos terreiros como uma atividade comunitária de grande significado religioso. Acompanhando o grupo de Santos, pudemos constatar que a comunidade de terreiro que vai à praia naquela ocasião para "dar o seu recado" pode se desligar de tudo o que está acontecendo ao seu redor e que a "obrigação" realizada naquele contexto pode ter um caráter tão religioso quanto o que existe nas obrigações realizadas em casa, com a participação de um grupo mais restrito e mais comprometido com a religião. É evidente que aquela experiência não nos permitiu analisar a dimensão coletiva do "festival de Iemanjá". Para apreciar esse aspecto teríamos que acompanhar não um terreiro, mas uma Federação de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros, o que pretendemos fazer em um futuro próximo. Falando em futuro, gostaríamos de lembrar, para concluir, que o 1º dia do ano 2000 cai num sábado, dia consagrado a Iemanjá pelos afro-brasileiros, o que é mais uma razão para se ir à praia e pedir a ajuda de Iemanjá para que o ano e, por que não, o novo milênio sejam um tempo de paz e de muito amor.

Bibliografia Citada

AUGRÁS, Monique. O Duplo e a Metamorfose - A Identidade Mítica em Comunidades Nagô. Vozes: Petrópolis, 1983.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1962.

FERRETTI, Mundicarmo. Nossa Senhora da Conceição na Mina Maranhense. Bol. Da Comissão Maranhense de Folclore, nº 9, dez.1997, p.8.

FERRETTI, Sergio. Querebentã de Zomadonu. São Luís: EDUFMA, 1995.

LOMBARDI, Carlos. Os Orixás:Yemanjá. Editora Três: São Paulo, s.d (3ª Ed. atualizada e revista).

OLIVEIRA, Jorge Itaci. Orixás e Voduns nos Terreiros de Mina. São Luís: VCR Produções e Publicidade, 1989.

OLIVEIRA, Walderedo Ismael de. Iemanjá - Um mito Brasileiro em Floração. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, nº 35, v. 5, p. 267-271, 1986.

VERGER, Pierre. Orixás, Deuses Yorubanos na África e no Novo Mundo. Corrupio: Salvador, 1981.

O Natal de minha infância

Zelinda Lima

Quando se aproxima o Natal sempre me lembro com muitas saudades de como era o Natal na casa de meus pais, no sobrado da rua 14 de Julho, 182, em tempos que já vão longe.

O primeiro sinal, conforme recordo, era o aviso dado por meu pai: " - Rosa, já mandei buscar as frutas para o Natal. E eram maçãs, pêras, figos, tâmaras, nozes, avelãs e principalmente castanhas portuguesas, de que ele tanto gostava!

Ele mesmo cozinhava-as e, à noite, com os filhos ao redor da mesa, distribuía-as, fazendo grandes elogios ao seu sabor, para ele inigualável. Para nós, o melhor, porém, eram as nozes, que quebrávamos apertando-as entre os caixilhos e as folhas das portas, deixando mil cascas e farelos pelo chão, para desespero de minha mãe que, aliás, não gostava muito dessas gulodices estrangeiras. Nós também adorávamos as castanhas, que comíamos com sal, com açúcar e até com leite condensado. Papai achava graça daquela "nacionalização", mas minha avó, filha de índia, recriminava aquele gosto esquisito do genro espanhol.

Então já se havia instalado na casa o clima para o Natal. Vovó, com antecedência de meses, tomara as providências: um empregado construía no quintal dois chiqueiros para os porcos pequenos (bacorinhos), comprados na feira da Praia Grande, a serem engordados para o Natal, bem alimentados com os restos de comida, de frutas e milho, a "babugem", guardada numa lata grande. No galinheiro já estavam as frangas e os frangos "para limpar", isto é, para serem bem tratados e se tornarem-se as galinhas e os capões da ceia de Natal.

Mas, chegava a época da capação de frangos e porcos, tudo falado, acertado e executado, sem cerimônias ou subterfúgios, do conhecimento e assistência de todas as crianças, netos, filhos de empregados e agregados. Mandava-se um portador para as bandas de São Pantaleão, em busca de um "expert" no assunto. Lembro-me bem de um desses "cirurgiões", um caboclo magro e alto, desdentado, de cabelos lisos e com a cara fechada, portando uma faca afiada para operar porcos e frangos para que perdessem o cheiro de "bicho inteiro" e ficassem com as carnes macias e de sabor delicioso.

Certa vez, o "especialista" não foi encontrado. Estava viajando e Vovó convocou os netos para a busca de outro habilitado a executar o serviço. Já saímos de casa prevenidos de que ninguém deveria encostar-se às paredes, nem comer ou beber algo em qualquer casa, pois por aqueles lados moravam os "lázaros" (leprosos) que saíam às ruas para pedir esmola. Tomamos o bonde São Pantaleão e saltamos na rua das Cajazeiras, atual Guaxenduba, para ir ver Santa Severa, deitada em seu caixão, com um enorme alfinete cravado no peito, na igreja de S. Pantaleão. Vovó nos mostrou também, na esquina, a "Roda" para onde se levavam as criancinhas enjeitadas pelas mães, o Cemitério dos Ingleses, defronte, uns hereges protestantes que aqui vieram para roubar o Brasil, segundo ela, e atravessamos um lugar sombrio e soturno, um largo cheio de grandes árvores e rodeado por uma balaustrada, onde hoje está o hospital "Socorrão", para alcançarmos à "Vila Gracinha", na rua do Passeio e a "Fábrica Cântamo", à procura de informações do tal sujeito especialista em castrações. Por fim, encontrado o dito cujo e acertado o dia e o preço das operações, dirigimo-nos à praia da Madre-Deus para comprar peixe e voltar de casco (pequena embarcação a remo) até desembarcar no Mercado Central, que a esse tempo possuía um porto muito movimentado.

Enfim, regressados à casa (a excursão durara a tarde inteira), banhados e jantados, íamos todos para cama. Mas, quem disse que eu conseguia dormir? Com tanta coisa me perturbando a cabeça - os morféticos, o cemitério, a maldade feita a Santa Severa (Coitadinha!), as criancinhas abandonadas (Que seria delas, meu Deus?), o hospital do Lira, onde ficavam os pestilentos... tudo me provocava um medo indescritível que me fazia chorar e chamar por minha avó que, dormindo mansamente, não me atendia, aumentando meu desespero. Então, levantava-me, ia beber à quartinha (bilha), colocada a um canto do quarto e que amanhecia quase vazia. Recomeçava o choro provocando reclamações dos irmãos, ia à rede do Deco (Manoel Castro), trazia-o nos braços para dormir junto a mim, na minha cama. Se, afinal, cansada, adormecia, povoavam-me o sono todas aquelas lembranças misturadas a trechos de uma paisagem estranha, a praia, gente sentada na escadaria, a noite caindo, o vento frio a fustigar-me os cabelos, vozes, gestos, fisionomias, que ora se faziam fortes e nítidas, ora se esfumavam e se convertiam em seres disformes, pálidos, sinistros.

Chegados ao mercado, Vovó contratava uns moleques para carregar os cofos que trazíamos, pois na Madre-Deus ela tinha amigos e conhecidos que lhe vendiam coisas, criações, frutas, etc. Lembro-me de uma vez em que comprou uma rede acabada de tecer pela artesã. Às vezes éramos obrigados a esperar que a maré enchesse para viajar e então, em casa de gente de confiança, podíamos beber um café grosso, coado na hora, acompanhado de bolo branco, no feitio de roda e que os meninos vendiam na rua, às dúzias, enfiados num cipó.

Mais perto do Natal, mamãe mandava fazer uma faxina geral, lavar as portas, esfregar o chão, pintar as paredes. Era a vez de Seu Nestor, um preto forte, que vinha esfregar as tábuas do assoalho com casca de coco, muita água e sabão, mas que não deixasse vazar para os baixos do sobrado, ocupados pelo leilão de Seu Ataíde e a oficina de sapateiro do Filemon. O quintal também recebia uma limpeza em regra, o correr e a cozinha ganhavam pintura nova e toda a casa se preparava com uma doce e espevitada alegria para as festas do Natal e Ano Novo.

De antemão se encomendavam as murtas, as unhas-de-gato e as varinhas para a armação do presépio que, porém, só era arrumado 3 dias antes de 24 de dezembro. Primeiro, estendia-se na parede o cenário de fundo, pintado por artista competente, geralmente uma pessoa do subúrbio; depois, espalhava-se a areia (trazida da praia da Ponta d'Areia, onde passávamos as férias de junho e de fim de ano) com a qual procurávamos formar colinas ou dunas para receber as casinhas, os camelos e os personagens da história e outras recortadas de revistas e coladas em cartolina para que ficassem de pé. Com as varas e as folhagens criávamos uma espécie de cúpula que compunha o presépio e, então, só faltava a iluminação, a cargo do Tocantins, um eletricista do SIOGE (Imprensa Oficial), morto e vivo lá em casa, encontrando sempre algo para consertar no sobrado. A estrela tinha uma luz (Milagre!) que acendia e apagava a todo instante, mas que não podia ficar acesa muito tempo, com o risco de queimar-se. Como era lindo o nosso presépio! O presépio mais lindo do Mundo!... a estrela de papelão brilhava, recoberta com mica, que hoje se chama Glíter, (nem sei como se escreve) indicando o caminho de Belém, outra lâmpada iluminando a gruta da Sagrada Família e, na orla do presépio, o cordão de luzes coloridas. Lindo!

A preparação da ceia e do almoço de Natal começava ainda escuro com a concentração de utensílios e pessoas. 2 ou 3 homens dormiram na casa na noite anterior para, logo cedo, preparar os fogareiros, as latas, o carvão, a lenha, as pedras para armar o tacuruba (ou trempe) o fogão primitivo, porque a estas alturas já a azáfama transbordara da cozinha para o quintal. As carnes, as galinhas e capões dormiram de véspera nas vinhas-d'alho das gamelas, de barro ou de madeira, para pegar gosto, e durante a noite eram virados e revirados com uma colher-de-pau. Havia profusão de colheres-de-pau, cada qual com sua específica serventia, pois colher que mexia nas galinhas não podia ir ao porco ou ao peru. Ah! ia-me esquecendo do peru, imperdoavelmente, pois constituía senão prato principal, um dos mais notáveis e apreciados. Convenientemente embebido com cachaça, para que a carne ficasse macia e saborosa, deu até azo a uma frase muito boba: " - Peru é que morre de véspera! como se o pobre não se fosse no seu exato dia... à véspera da festa. Perus e galinhas eram assados mesmo em casa, no forno de barro, juntamente com bolos de vários tipos; outras carnes, como a de porco, eram levadas para assar, em formas de flandre, na Padaria Cristal, de Seu Frias, onde hoje há o Armazém Esplanada.

Acender os fogareiros era missão trabalhosa e difícil, requerendo engenho e prática: punha-se o carvão na parte de cima e papel na boca do utensílio, borrifava-se com álcool, riscando o fósforo, levava-se a chama ao papel; então, era abanar furiosamente com um abano de palha para incendiar o carvão, em meio a uma fumaceira terrível e um coro de imprecações se as fagulhas saltavam do fogareiro sobre o operador.

Nas trempes, com fogo de lenha, ficavam as latas de querosene, bem lavadas, improvisação de panelas, para cozinhar as fressuras ou ferver a água que ajudava a pelar os leitões. Os porquinhos eram limpos e sangrados, aparando-se o sangue em bacias, temperado com bastante limão, para talhar; era o indispensável para o sarrabulho, o toucinho, pés, orelhas e focinho, ligeiramente escaldados, para de futuro temperar o feijão; o espinhaço cozido para o almoço do dia seguinte. Para minha mãe era o melhor pedaço, que ela comia com gosto, acompanhando-o com farinha d'água, quando mais gordo, melhor!

Esta fartura toda partilhava-se com os amigos, vizinhos e criados, no dia de Natal cruzavam-se nas ruas os presentes de comidas, doces e bebidas. Os bolos seguiam receitas tradicionais ou se inventavam novas fórmulas logo batizadas: Bolo de Ouro, Bolo da Estrela, etc., que passavam a figurar nos cadernos zelosamente guardados e passados de mãe para filha. Não se usava confeitar os bolos, no máximo alguns recebiam uma camada de chocolate ou de creme de ameixas.

Na véspera do Natal encompridava-se a "mesa elástica", como então se chamava, acrescentando-lhe duas tábuas. Toda família que se prezava possuía toalhas de três tamanhos para a mesa normal ou para a acrescida de 1 ou 2 tábuas.

Minha avó comandava o batalhão de gente na cozinha, no quintal e na varanda e os pratos iam ficando prontos: torta de miúdos, galinha a molho pardo, peru com farofa, leitão assado, pernil, arroz de forno, presunto importado (que vinha enfiado da Europa, metido numa capa de pano grosso e que era preparado com requintes e ficava, depois de pronto, todo salpicado de cravinho e sempre me lembrava um São Sebastião cheio de flechas...

Em outra mesa, ou no "aparador", um móvel de apoio à mesa principal, expunha os doces caseiros, de goiaba, de laranja, de leite, de jaca, bolos de várias espécies, o indispensável Pão-de-ló e as gulodices estrangeiras de que já falei.

Na mesa da copa, do mesmo tamanho da primeira, a chamada "mesa do café", como que se orgulhava de seu chocolate, seu chá, seu leite, seu café, seus bolos diversos, de tapioca, de puba, de farinha d'água, bolo branco, biscoitos e que sei mais? Pelas 7 da noite, depois de banhados e arrumados, de roupas novas, fazíamos o lanche com essas guloseimas antes da reza no presépio.

Vovó mandava chamar uma rezadeira para puxar as orações e os cânticos, todos ajoelhados em frente da lapinha. Com pouco tempo, cansados, começávamos a cair da posição, provocando o riso, riso este que se comunicava a todas as crianças e era um frouxo-de-riso incontrolável que obrigava à nossa expulsão da sala. Mas não conseguíamos contê-lo. Mamãe desesperava, papai pedia modos e Vovó ameaçava dizendo que todos, nessa noite, iriam dormir "de couro quente". Às vezes mesmo o chinelo entrava em ação e a galhofa terminava em choro, indo todos ao presépio pedir perdão ao Menino Jesus.

À missa do galo só iam os mais velhos - eu e o Armando - que, aliás, a estas alturas dormíamos a missa inteira. Depois, ainda visitávamos, sonolentos, algumas casas onde havia presépio e quando regressávamos, aí, sim, era servida a ceia, mas nós já não agüentávamos mais e íamos logo dormir, com medo de que Papai Noel passasse e nos apanhasse despertos e perdêssemos os presentes.

Papai Noel, já desconfiávamos de que não existisse. Certa vez vimos Mamãe ordenar a uma empregada que fosse correndo comprar um brinquedo, novidade na época, antes que a loja fechasse e, por coincidência, foi esse brinquedo que apareceu nos meus sapatos... trazidos por Papai Noel! Mas sustentamos a mentira por muito tempo, fingindo inocência.

No dia seguinte era o almoço, onde os ossos do peru enriqueciam a "quiabada", um prato típico, da preferência de papai, feito com muito quiabo, maxixe e vinagreira, a que ele acrescentava couve, um guisado bem temperado.

Não me lembro de ter visto uma árvore de natal naqueles tempos e a troca de presentes se limitava a comidas e doces enviadas por amigos e parentes.

O centro das comemorações era o Menino Jesus, rezas nos presépios, pedidos, missa do

galgo, à tarde do dia de Natal as igrejas cheias de gente. O comércio era de comidas, de velas, de enfeites de Natal; os Pastores e, a partir do dia 6 de janeiro, os Reis, que coloriam e alegravam as ruas com seus cânticos, visitando as casas.

Ah! os tempos maravilhosos de minha infância que os anos não trazem mais, tempos de fartura e de paz, amenos e ditosos, em que tudo eram risos e alegrias em uma cidade pacata, que se recolhia às dez horas, todos se conheciam, fatos e notícias de conhecimento geral e uma dor ou uma felicidade era sentida por todos, tempos em que, como disse Bernardo Almeida, "ÉRAMOS FELIZES E NÃO SABÍAMOS!...

Festa de Santa Bárbara e Sincretismo

Sérgio Ferretti

Santa Bárbara é considerada padroeira do tambor de mina do Maranhão e São Benedito é seu principal auxiliar. Sua festa, comemorada no dia 4 de dezembro, é uma das mais importantes no calendário afro-maranhense. Quase todos os terreiros a comemoram com um a três dias de toque. É comum haver festa na maioria dos terreiros nesse dia, mas não é uma festa obrigatória e há terreiros que não tocam nessa data. O orixá Iansã ou Oiá, no rito nagô, ou seu correspondente, o vodum nochê Sobô, no rito jêje, é a deusa dos ventos e das tempestades. Sincretizada no Brasil com Santa Bárbara, sua festa assinala o início do ano litúrgico no tambor de mina. Com isso as religiões afro-brasileiras acompanham o calendário da Igreja Católica que, nessa época, comemora o tempo do Advento e a espera de Cristo no Natal. No Maranhão, dizem que se um terreiro quer fazer festa no próximo ano, tem que comemorar Santa Bárbara. O dia da semana em que cai sua festa (este ano um sábado) é sempre o mesmo dia da semana em que caem o Natal e o Ano Novo, como lembra dona Celeste da Casa das Minas. Como essa data é perto do fim do ano e próxima ao tempo do Advento para a Igreja Católica, assinala também o início do ano litúrgico nos terreiros de mina, cujo calendário acompanha geralmente o calendário católico.

Na tradição do tambor de mina, portanto, o ano não se inicia em primeiro de janeiro, com o ano civil, mas no dia 4 de dezembro.

A virgem e mártir Santa Bárbara foi muito cultuada pela Igreja Católica na Idade Média e no Renascimento, como mostram pinturas e imagens conhecidas na história da arte, sobretudo entre os pintores flamengos e escultores barrocos. No Brasil, seu culto foi largamente difundido pelo catolicismo e são comuns imagens de Santa Bárbara em Igrejas antigas e nos Museus de Arte Sacra em todo o país. Ela é invocada contra explosões, raios e tempestades e também é padroeira dos mineradores, como nos foi dito diante de sua imagem que encontramos no interior de uma antiga mina de ouro no Estado de Minas Gerais.

Entre os atributos de sua imagem aparece uma torre, lembrando que ela foi presa e martirizada numa torre. Outros atributos são: uma palma, símbolo da virgindade, ou uma espada, identificada pelos devotos afro-brasileiros com a qualidade de guerreira do orixá Iansã, e também um cálice. Em cima da porta do "comê", ou quarto dos segredos da Casa das Minas, há um quadro representando Santa Bárbara. Dona Celeste diz que é porque Santa Bárbara é a mãe de todos os terreiros de mina. Dona Deni, atual chefe da Casa, nos lembra que é importante não confundir Santa Bárbara com o vodum Sobô, do culto mina jêje, ou com o orixá Iansã-Oiá, dos cultos nagôs, afirmando que são entidades distintas. Os participantes mais envolvidos com a religião têm perfeita consciência da diferença entre santos e orixás e muitos deles são devotos de ambos. Na Casa das Minas Jêje, o chefe da família de voduns nagôs é Badé Quevioçô. Nochê Sobô é sua mãe ou irmã mais velha, que o criou. Assim, ela é considerada mãe (nochê) pelos jêjes e nagôs.

No dia de Santa Bárbara, as mineiras antigas costumam ir cedo assistir à missa numa igreja católica. Durante o dia, conforme as possibilidades, oferecem uma ave para Iansã-Oiá ou para nochê Sobô. O sacrifício é uma cerimônia participada por poucos iniciados. Depois prepara-se a oferenda, que no início da tarde é colocada por algumas horas no altar privado africano. O acarajé é um alimento importante desta oferenda. Depois de anoitecer, a obrigação, como é chamada, é servida aos devotos. No dia 4 de dezembro a festa nos terreiros se inicia à noite com uma ladainha cantada em latim, diante do altar católico, se possível acompanhada por conjunto musical com trombone, clarinete, banjo, rabeca, violão ou guitarra elétrica. Depois, seguem-se os toques, com cânticos e danças que variam conforme a tradição de cada casa. Quando há possibilidade, o organizador principal da festa, que recebe a entidade comemorada ou um caboclo que a representa, costuma oferecer, com a ajuda de amigos e colaboradores, um jantar, um bolo com refrigerantes ou mesa de doces, mingau de milho e cafezinho. Algumas casas realizam também toque na véspera e no dia seguinte. Nessa festa, os dançantes usam vestimentas nas cores branca, azul e/ou vermelha.

Nos últimos anos, a Igreja Católica resolveu "caçar", ou reprimir, o culto de alguns santos com a justificativa de que não tiveram existência histórica comprovada ou que foram sincretizados com entidades espirituais africanas como Santa Filomena, Santa Efigênia, São Cristóvão, Santa Luzia, São Jorge, Santa Bárbara e outros. No passado, a mesma Igreja incentivou essas devoções, como se comprova nos templos mais antigos pela grande quantidade de suas imagens, muitas hoje recolhidas a museus como obras de arte.

Devotos dos cultos afros costumam preservar a devoção a esses e outros santos populares, sincretizados com os orixás mais conhecidos do rito nagô. No Maranhão, se diz que o vodum ou orixá tem devoção a este ou aquele santo e seus devotos os acompanham. Algumas autoridades, tanto católicas quanto dos cultos afros, atualmente fazem esforço para combater o sincretismo, considerando-o um disfarce que, se foi necessário no passado, hoje é dispensável. A maioria dos participantes das religiões afro-brasileiras, entretanto, se considera também católica, seguindo principalmente rituais do catolicismo popular, como festas e culto aos santos, promessas, ladainhas, procissões e também participando da missa, da comunhão e de outros rituais católicos.

Constatamos que o sincretismo que existe em todas as religiões está presente de modo intenso e parece-nos mesmo fazer parte da estrutura mais íntima das religiões afro-brasileiras. O calendário dessas religiões, na maioria das casas, segue o calendário católico, que constituía o calendário civil de nosso país até o advento da República. A maioria das festas do calendário religioso afro-brasileiro coincide com as datas em que a Igreja Católica comemora muitos de seus santos. Pode ser que no futuro essa situação se modifique, mas atualmente é o que se constata. Se alguns líderes de cultos afro hoje se dizem não católicos, a maioria dos devotos dessas religiões se considera também católica e não vê problemas nessa "dupla pertença", ou na participação em duas religiões, que pode escandalizar os seguidores de uma lógica mais formal.

Além do ciclo dos santos, em que a Igreja comemora as diversas festas de santos, com datas que as vezes variam com o lugar, a paróquia ou a diocese, o calendário litúrgico católico comemora o ciclo tempo: do Advento, da Quaresma, da Páscoa e de Pentecostes, que são festas móveis, muito importantes para a Igreja. As religiões afro-brasileiras, além de adotarem o calendário dos santos católicos, também comemoram o calendário do tempo: há festas nos terreiros relacionadas com o Advento, a Quaresma, a Páscoa e Pentecostes. Assim, o ano litúrgico católico, como o afro-brasileiro, se iniciam juntos, em dezembro, e não em janeiro, como o ano civil. O católico com o tempo do Advento, no primeiro domingo de dezembro e o afro-brasileiro, com a festa de Santa Bárbara no dia 4 do mesmo mês.

Apesar de haver muitos preconceitos contra o sincretismo, fenômeno considerado mal visto mesmo por estudiosos das religiões, a maioria dos seguidores das religiões afro-brasileiras não vê nenhum problema no sincretismo e em participar de mais de uma religião. No dia de Santa Bárbara, vão à missa de manhã e à noite recebem voduns, orixás ou caboclos nos terreiros, pedindo proteção à Santa e às entidades afro-brasileiras, que se distinguem nitidamente dela.

Histórias de Alcântara pela voz de seus personagens

Izaurina Nunes

Uma viagem à Alcântara é sempre uma ocasião para se descobrir os mistérios, a magia e o fascínio que a cidade exerce sobre seus visitantes, principalmente se a viagem é feita pelos caminhos delineados por algumas das personagens representativas da cultura popular alcantareense. É exatamente isso que acontece com quem abre as páginas do volume IV da coleção Memória de Velhos. Depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense, dedicado a personagens que se destacaram no contexto da cultura popular de Alcântara.

Nesse volume, Raimundo Gomes, Ricardo Leitão, Diógenes Ribeiro e Heidimar Marques reconstituem a história sócio-cultural de Alcântara, utilizando elementos da cultura popular presentes na vida cotidiana daquela cidade. A edição é aberta com o humor e a irreverência de Raimundo Gomes, conhecido na cidade como Raimundo Gostoso, que fala sobre a diversidade de manifestações culturais de Alcântara, onde os cordões de bichos fizeram a alegria de muita gente nas noites de São João. O povo. Brincadeiras do Galo, da Sereia, do Sapo, do Carneiro e o próprio Bumba-meu-boi animavam a cidade durante os festejos juninos. Sobre esse tema, ele lembra que na década de 30, havia bois de mulheres na cidade e fala de sua trajetória na brincadeira como tapuio e vaqueiro, herança de seu pai.

Raimundo Gomes revela, também, que antigamente os grupos de bumba-meu-boi se apresentavam cercados de fogo. Eram os busca-pés, que rastream os pés dos brincantes obrigando-os a molhar suas roupas para evitar queimaduras. A fama de festeiro e vagabundo do povo alcantarense tem uma explicação no depoimento de Raimundo Gomes. A abundância de recursos naturais do município possibilitava uma vida tranqüila e despreocupada à população que, do litoral, tirava o seu sustento pescando peixes e camarões, ou tirando caranguejo do mangue.

Por outro lado, a fama de povo festeiro se justifica pelo número de festas realizadas em Alcântara. Pelo menos 11 festas de santos que eram realizadas em Alcântara. São registradas no volume IV as festas de Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora do Desterro, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora das Mercês, São Sebastião, Santo Antônio, São Raimundo, São Benedito, São Mathias e Divino Espírito Santo. As festas eram sempre animadas por orquestras.

Na segunda entrevista, Ricardo Leitão, fiscal de iluminação pública de Alcântara, dá um panorama do carnaval da cidade, no qual se destacava a chegança, e fala exaustivamente da Festa do Divino Espírito Santo, da qual participou por 40 anos como mestre-sala.

Diógenes Ribeiro, filho de santeiro, aptidão que herdou de seu pai, conta a história do seu primeiro santo, feito aos 12 anos de idade; fala das relações entre namorados no seu tempo de jovem e do trabalho em madeira, atividade que exerce com maestria.

A última e mais longa entrevista do volume IV da coleção abre espaço para uma das mais conhecidas personagens da cidade: Heidimar Guimarães Marques, descendente de família tradicional de Alcântara, que traz, em sua carga genética, a herança de portugueses, índios e africanos. Ele cita a sua ascendência nobre por parte da avó e o seu lado mestiço, por parte de seu avô.

A história de vida de Heidimar Marques se confunde com a história de Alcântara. A Festa do Divino, da qual era impedido de participar pelo seu pai, em função de sua posição social, exercia sobre ele um grande fascínio e trazia à tona um certo incômodo pela sua condição de descendente de barões.

O depoimento de Heidimar Marques revela uma sociedade calcada em valores da monarquia e nos faz lembrar a reedição da história da burguesia européia na figura de seu avô, um plebeu que consegue, pelo trabalho, auferir posição social, colocando em xeque os valores da nobreza decadente com seus títulos, mas sem capital.

Essa rejeição aos títulos e à opulência, a percepção da decadência de valores e a insatisfação com a situação de falsa nobreza que causavam incômodo a Heidimar Marques levou-o a afastar-se da cidade ainda na adolescência, e perceber, mais tarde, a sua grande ligação com Alcântara, fazendo-o retornar para desenvolver um trabalho de resgate das tradições culturais de sua cidade.

A entrevista reserva um lugar especial a uma negra, criada de sua avó, que se tornou a mãe preta de Heidimar Marques. Era mãe Calu, muito conhecida e amada na cidade, que segundo o depoimento, foi a última escrava de Alcântara e que morreu aos 115 anos, em 1952.

E a entrevista é rica em histórias, contadas por alguém que é própria história viva de Alcântara. Lendas, o passado opulento, as festas, a criativa culinária alcantarense e um pouco da história do regime escravocata em Alcântara se constituem em aspectos de incomensurável valor a pesquisadores da segunda mais antiga cidade do Maranhão.

A publicação do volume IV da coleção Memória de Velhos é um capítulo importante na história de Alcântara. Não se trata apenas de mais uma publicação sobre a fascinante história da cidade, mas de um livro que dá voz aos seus principais atores, sempre relegados ao papel de coadjuvantes na história oficial. Por isso, o livro se constitui num documento de raro valor, uma contribuição para a história social, econômica e cultural de Alcântara.

Notícias

Beto Bittencourt: um cabra marcado para viver

Em homenagem ao grande artista Beto Bittencourt, falecido em agosto de 99, a FUNCMA/CCPDVF, com o apoio da CMF, realizou, de 4 a 9 de outubro, um evento cuja programação de atividades contou com um desfile de bonecos pela Praia Grande, abertura da exposição permanente da coleção de trabalhos do artista, espetáculo de teatro, workshop e oficinas de confecção e de manipulação de bonecos.

A coleção Beto Bittencourt, que integra o Circuito de Exposição do Centro de Cultura Popular, é formada por um conjunto de bonecos e outras peças destinados pela família do artista ao acervo do órgão.

Lançamento do Volume V da série Memória de Velhos

Continuando a publicação dos resultados do trabalho de pesquisa realizado, através de entrevistas, junto a personalidades representativas da cultura popular maranhense, a CMF e FUNCMA/CCPDVF editaram, com recursos do Governo do Estado, o volume V da série Memória de Velhos: Depoimentos - uma contribuição à Memória Oral da Cultura Popular Maranhense, cujo lançamento se deu no dia 15 de outubro de 1999, no Prédio de Exposições do órgão, com a participação do grupo de chorinho, da Escola de Música do Estado do Maranhão.

A obra tem como tema específico o bumba-meu-boi do Maranhão e nela constam nove entrevistas com brincantes e donos de grupos de bumba-boi. O livro contém depoimentos de Antero Viana, Newton Martins Correa, Canuto Santos, Alauriano C. de Almeida (Seu Lauro), José de Jesus Figueiredo (Zé Olhinho), João José de S. Machado, João F. do Espírito Santo (João de Chica), José Raimundo Ferreira (Calça Curta) e José Costa de Jesus (Zé Paul).

Na elaboração do volume V o CCPDVF contou com a consultoria técnica do professor doutor Antônio Torres Montenegro, da Universidade Federal de Pernambuco, especialista em História Oral. O conteúdo das entrevistas passou por um processo de edição, de responsabilidade da equipe técnica do CCPDVF, que teve a assessoria técnica de Zelinda Lima e a coordenação de Michol Carvalho.

Cazumbá: máscara e drama no boi do Maranhão

Foi aberta no dia 9 de dezembro de 1999, na Sala do Artista Popular do Museu de Folclore Edison Carneiro, no Rio de Janeiro, a exposição Cazumbá: máscara e drama no boi do Maranhão, que permanecerá aberta a visitação pública até o final de janeiro.

A exposição apresenta uma mostra do trabalho do artista maranhense Abel Teixeira que levou ao Rio um conjunto de 44 máscaras de cazumbá, personagem dos grupos de bumba-meu-boi do Maranhão, do sotaque da Baixada, cuja caracterização consiste em máscara - também conhecida como careta -, bata rústica pintada ou de veludo bordado que, na altura dos quadris, é armada por um cofo de palha; e chocalho de metal, sempre a badalar na mão.

Na abertura do evento estiveram presentes, além de Abel Teixeira, a chefe do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, Maria Michol Pinho de Carvalho; o diretor da Divisão de Museologia do referido Centro, Cláudio Vasconcelos e cerca de 200 pessoas, com destaque para a colônia de maranhenses do Rio de Janeiro. Na ocasião, um grupo de artistas do Maranhão radicados no Rio apresentou a dança do Cacuriá. A apresentação foi acompanhada de um buffet de doces de espécie e licores de frutas típicas, que deram um peculiar toque regional ao acontecimento.

Nessa programação, a CMF e a FUNCMA/CCPDVF contaram com a indispensável parceria do Ministério da Cultura, FUNARTE e Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, mobilizados pelo esforço e coordenação do antropólogo Raul Lody, especialista em estudos afro-brasileiros.

Programação Natalina

No Natal de 99, a atuação do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho está se dando em dois níveis: com a montagem, na Galeria Zelinda Lima, do Prédio de Exposições, de um presépio e da II Exposição Arvoredo: uma idéia de Natal, com árvores natalinas criadas por pessoas da comunidade local participantes de um concurso que apresenta uma produção criativa em torno desse tradicional símbolo natalino; e na coordenação do projeto Viva Menino Jesus, promovido pelo Governo do Estado, através da FUNCMA, no período de 24 a 26 de dezembro, com o apoio da Arquidiocese de São Luís.

Na véspera do Natal serão realizados, no pátio do Convento das Mercês (em razão das obras na Igreja do Desterro) e nas igrejas do Carmo, São João, Santo Antônio, Rosário e Sé, concertos com os corais da Universidade Federal do Maranhão, Vila Lobos, São João, Antônio Rayol, São Luís e corais infantis Kids Voice Harmony e São João Infantil.

A programação prevê ainda nas ruas adjacentes às igrejas haverá um cortejo natalino com a participação dos grupos corais e acompanhamento da Banda do Bom Menino (do Convento das Mercês) e personagens característicos dos festejos natalinos como reis magos, anjos e pastores. O encerramento do evento será feito no adro da Igreja da Sé, com um concerto coletivo dos sete corais e o lançamento da série de selos comemorativos do nascimento de Jesus, pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos/MA.

Nos dias 25 e 26 de dezembro serão realizadas apresentações dos grupos natalinos Pastor do Menino Deus, Pastoral do SESC, Pastoral do Tungo (de Mirinzal), Reisado Alecrim e Sempre Viva (do Maracanã), Reisado de Porto Grande e Careta e Boi de Reis (de Caxias). As apresentações acontecerão em sete comunidades onde o foi implantado o projeto Viva: Liberdade, Vinhais, Anjo da Guarda, Vila Embratel, João Paulo, Bairro de Fátima e Madre Deus.

O encerramento da programação acontece na sexta-feira, dia 14 de janeiro, no Prédio de Exposições do CCPDVF, com o ritual da queimação de palhinhas,

que terá ladainha, apresentação de grupos natalinos e entrega de prêmios e menções honrosas aos vencedores da I Exposição Arvoredo.

Ressalta-se que, tanto a nível interno como externo, o CCPDVF contou com o apoio da Comissão Maranhense de Folclore, no desenvolvimento das atividades.

Missão de Pesquisas Folclóricas

A Missão de Pesquisas Folclóricas organizada por Mário de Andrade e que em 1938 percorreu vários Estados do Nordeste. tem merecido inúmeros estudos. Em 1993 foi publicado o Catálogo do Acervo Histórico-Fonográfico da Discoteca Oneyda Alvarenga, do Centro Cultural São Paulo, que reúne o acervo de gravações registradas pela antiga Discoteca Pública Municipal de São Paulo realizadas entre 1936-1945 incluindo as gravações da Missão de Pesquisas Folclóricas. Também em 1993, ano do centenário de nascimento de Mário de Andrade, foi publicado pelo Centro Cultural São Paulo, por Álvaro Carlini, o estudo Cachimbo e Maracá: o Catimbó da Missão (1938) que entre outras realiza análise detalhada de parte das atividades da M. P. F. A realização desses e de outros trabalhos sobre a Missão de Pesquisas Folclóricas mostra a atualidade daquela iniciativa pioneira de Mário de Andrade que, abrindo caminho para políticas públicas no campo da cultura, foi de fundamental importância para a consolidação de estudos sobre o patrimônio cultural em nosso país. Recentemente tomamos conhecimento de outros trabalhos relacionados com a Missão de Pesquisas Folclóricas.

Registro Fonográfico

A Comissão Maranhense de Folclore recebeu da Discoteca Pública Oneyda Alvarenga, do Centro Cultural São Paulo, exemplar do CD Missão de Pesquisas Folclóricas, editado pela Biblioteca do Congresso, de Washington, que, desde a época da Segunda Guerra Mundial, mantém com folcloristas brasileiros programa de troca de gravações, filmes, fotografias e livros.

O CD, com um encarte ilustrado redigido em inglês e português, contém uma mostra de gravações coletadas no Nordeste e Norte do país em 1938 pela Missão de Pesquisas Folclóricas, organizada por Mário de Andrade, através da Discoteca Pública Municipal de São Paulo. Como diz o excelente texto do encarte, a Missão: "capturou para a posteridade um Brasil pré-desenvolvimento e pré-turístico, onde o patrimônio multi-cultural e multi-étnico se encontrava num relacionamento dinâmico, que tem continuado a se desenvolver até o presente".

O CD, com 23 faixas, reproduz músicas sobre o Xangô de Recife, Tambor de Mina do Maranhão, Babaçuê e Pajelança de Belém, o Praiá, a chamada do Aricuri dos índios Pancaru, gravado em Brejo dos Padres no interior de Pernambuco, variações do coco do Nordeste: coco-embolada, coco-sotaque, coco-pareilha e coco-solto, gravadas na Paraíba, o samba, acompanhado pela viola sertaneja, gravado na Paraíba, o carimbó acompanhado de marimba ou berimbau, gravado no Maranhão, e o Bumba-meu-boi, gravado em São Luís e em Belém.

A Missão de Pesquisas Folclóricas, liderada pelo arquiteto e folclorista Luís Saia, viajou em 1938 pelos Estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Piauí, Maranhão e Pará. Além de gravações coletou instrumentos musicais, fantasias objetos rituais, e suplementou a pesquisa com fotos e filmes. A partir de 1992, os discos da Missão, pertencente à Discoteca Oneyda Alvarenga, foram gravados em fita para preservação e os arquivos foram abertos a pesquisadores.

Vídeo

Em 1997 a Prefeitura de São Paulo, com a colaboração da Cinemateca Brasileira, conseguiu recuperar os filmes de Luís Saia para Missão de Pesquisas Folclóricas, editando um vídeo denominado: Mário de Andrade e Os Primeiros Filmes Etnográficos. O material editado, com informações da pesquisa e som das músicas coletadas entre fevereiro e julho de 1938, constitui o primeiro filme documentário de grande porte sobre a religião e a cultura popular no Norte e Nordeste do país. O texto do filme foi redigido por José Eduardo Azevedo e Kurt Wagner Riedel e a seleção musical elaborada por Álvaro Carlini.

O vídeo, com cerca de 40 minutos de duração, mostra cenas dos grupos Cabocolinhos Taperajus do Carnaval de Recife; Dança do Praiá, dos índios Pancaru; Dança do Coco, da Praia de Tambaú; Cabocolinhos, de João Pessoa; Rei do Congo, de Pombal; Vaqueiros na Pega do Boi, em Patos; Bumba-Meu-Boi, em Sousa; Coco ou Toré, na Baía da Traição; Cabocolinhos, de Itabaiana; Cabocolinhos Tupi-Guarani, de João Pessoa; Catimbó do Mestre Luís Gonzaga Ângelo, de João Pessoa; Barca de Torrelândia, em João Pessoa; Tambor de Crioula no João Paulo, em São Luís; Tambor de Mina do Terreiro de Fé, em Deus de Maximiliana Silva, no João Paulo, em São Luís; Dança do Carimbó em São Luís; Babassuê do Terreiro de Sátiro Ferreira, de Belém; e Boi Bumbá Pai do Campo, de Juruna, em Belém. No segundo semestre de 1999, a TVE mostrou em nível nacional, este excelente material etnográfico.

Mesa Redonda

Durante a VI Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste, realizada em Belém, entre 07 e 10 de novembro de 1999, no Museu Paraense Emílio Goedi, organizada pela Universidade Federal do Pará, foi realizada a Mesa Redonda A Missão de Folclore de Mário de Andrade, Coordenada por Carlos Sandroni, da UFPE, que apresentou comunicação sobre A Missão de Pesquisas Folclóricas em Recife (PE), Tacaratu ((PE) e Areia (PB), discutindo, entre outros, o problema da restituição dos resultados das pesquisas às comunidades de origem. A Mesa Redonda contou com a participação de Aldrin de Moura Figueiredo, da UFPA, que apresentou a comunicação Babaçu-Maitiá ou Babassuê? Sincretismo e modernismo na Amazônia dos anos 20 e 30, analisando a interpretação das tradições religiosas e culturais brasileiras a partir da leitura modernista. Mundicarmo M. R. Ferretti, da UEMA, apresentou a comunicação "Tambor-de-Mina e Tambor de Crioulo" 60 anos depois, comentando informações relativas ao Tambor de Mina e relacionando o terreiro de Maximiliana pesquisado pela Missão, com o Terecô ou a Mata de Codó, do interior do Maranhão, também conhecido como Encantaria de Barba Soeira, que, na sua opinião, teria dado origem ao Babassuê, encontrado pela Missão em Belém. Sergio Ferretti, da UFMA que apresentou a comunicação Mário de Andrade e o Tambor de Crioula do Maranhão, analisando a importância e a situação desta manifestação de cultura popular classificada por Mário de Andrade como música de feitiçaria.

Falecimentos de personalidades da cultura popular maranhense:

A Comissão Maranhense de Folclore cumpre, com pesar, o dever de comunicar o falecimento no segundo semestre de 1999 de três ilustres personagens da cultura popular maranhense, D. Neném, da Casa de Nagô; o senhor José Paulo, de Rosário; e a mãe-de-santo D. Zizi, da Belira. A morte dessas pessoas deixa uma grande lacuna na religiosidade popular maranhense.

Dona Neném, como era conhecida D. Julita dos Santos Rodrigues, dançante da Casa de Nagô, faleceu a 15 de julho de 1999. Há mais de 40 anos ela organizava, na Casa de Nagô, a festa do Boi de Encantado Bela União, em homenagem ao encantado Preto Velho. Essa festa constava do batismo do boi, realizado anualmente no mês de junho com almoço festivo para os participantes, e da morte do boi, que ocorria em meados de agosto, havendo no dia seguinte a derrubada do mourão, seguida de uma festa no quintal da casa. A festa era organizada por D. Neném com ajuda que ela solicitava a diversas pessoas amigas. Com a morte de D. Neném, o boizinho Bela União foi doado ao Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho pela chefia da Casa de Nagô. Fomos informados que D. Neném pertencia a Légo Shapanã e recebia na Casa de Nagô Sebastiãozinho e Princesa Mira, filhos de Shapanã, e o caboclo Preto Velho.

Zé Paulo encarregado da Festa da Alma Milagrosa em Rosário

No dia 05 de dezembro de 1999 faleceu o senhor José Paulo Serra da Silva que, desde 1959, organizava, anualmente, a Festa da Alma Milagrosa na cidade de Rosário. A festa constava de salvas de fogos, ladainha e de um tambor de crioula realizado durante toda a noite ao lado de uma antiga sepultura, próximo ao cemitério da cidade. O tambor de crioula, em Rosário e cidades vizinhas, tem a particularidade de contar com a pernada ou rasteira, em que homens participam da dança derrubando um companheiro ao solo. Ao amanhecer, havia uma ladainha e cantoria de entrega da festa, seguida de uma refeição distribuída aos participantes.

Dona Zizi mãe-de-santo no Belira

No dia 11 de dezembro de 1999 faleceu a conhecida dona Zizi (Hadgnei Cordeiro), famosa mãe-de-santo nascida em 1936 e que há cerca de 20 anos desenvolvia atividades de cura em sua residência na Belira. D. Zizi, há 16 anos, era o braço direito de duas mães-de-santo de terreiros: no Lira, de D. Vicenza, e o de D. Margarida Motta onde dançava desde 1954, além do de Dra. Dilma, onde atuava como guia. Também colaborava com vários outros terreiros de São Luís, como o das Portas Verdes, do finado José João, no Anjo da Guarda. D. Zizi era protegida por Abaluaê, e tinha como principais entidades na Mina, seu Manuelzinho de Légua, Seu Tombassé e Chica Baiana. Além de um salão onde realizava atividades de mina e de cura, sua casa possuía, na entrada, uma grande gruta com água corrente e muitas imagens de santos de sua devoção. D. Zizi era grande devota de N. Sra. da Conceição. Anualmente uma das imagens dessa santa saía de sua residência e durante cerca de um mês percorria residências do bairro onde se rezava uma ladainha. Inspirada pela santa, ela organizava todos os anos um bonito andor e, no dia 8 de dezembro, fazia uma grande procissão, que percorria as ruas do bairro, com banda de música e queima de fogos, seguida de um tambor de crioula e de uma feijoada, no fim de semana seguinte. D. Zizi era muito popular pois ajudava diversas pessoas, que confiavam nela e nas entidades que a protegiam. Foi uma das principais informantes do pesquisador Daniel Halperin que, em 1992, apresentou dissertação de mestrado, e em 1995, defendeu seu PHD na Universidade da Califórnia em Berkeley, ambas sobre Tambor de Mina do Maranhão.

Monografias relacionadas com Folclore:

Entre as monografias de conclusão de Curso apresentadas recentemente, relacionadas com folclore que tivemos conhecimento, noticiamos o trabalho:

Prática Religiosa Afro-Brasileira: trajetória de vida e luta pela afirmação da identidade religiosa, com 102 pgs., ils., apresentado por Danusa Ribeiro Soares em 31 de setembro de 1999, como Monografia de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais na UFMA. O trabalho foi orientado pelo professor Sergio Ferretti e contou na banca com a colaboração dos professores Norton Correia e Álvaro Pires da UFMA. Trata-se de um estudo sobre o Terreiro de Umbanda Centro Espírita Luz e Caridade, do bairro do Anjo da Guarda, dirigido pela mãe-de-santo D. Yolanda Primaz da Silva Motta. O trabalho descreve principais atividades e rituais do terreiro, a história de vida da mãe-de-santo, dificuldades e preconceitos que enfrentou, perseguições a terreiros em São Luís no passado, a importância do sonho como elemento propulsor das ações da mãe-de-santo, analisando as práticas religiosas como formas de resistência e legitimação da identidade negra. Parabenizamos Danusa pelo êxito obtido em seu trabalho

Perfil Popular

Denir Prata Jardim

Maria do Rosário Santos

Testemunha viva de um período vigoroso da Casa das Minas Jeje em nosso Estado, D. Denir Prata Jardim depõe sobre sua vida, seu aprendizado, sua vivência no culto e seus ensinamentos. Filha de Sifrone Prata, funcionário público da Estrada de Ferro São Luís - Teresina, e da lavradora Rita Coutinho Baima Jardim, a menina Denir nasceu em Rosário -MA no dia 2 de julho de 1925. Muito cedo veio para a capital. A mãe, acometida de problemas mediúnicos, foi aconselhada a procurar recursos na casa das Minas, origem de sua entidade, motivo que levou-a a deixar a filha na casa de parentes e posteriormente mudar-se para a Casa das Minas. Em 1933, a menina Denir foi matriculada no Colégio Raimundo Correa, na época localizado na rua dos Afogados esquina com a padaria Santa Maria. O quinto ano ela concluiu no Curso de Aplicação, ministrado pelas professorandas do Curso Normal, na época ao lado da igreja de Nossa Senhora dos Remédios, sem contudo deixar de ajudar a mãe nos afazeres domésticos. Aos 10 anos de idade a garota passou a ter visões e pânico, o que levou Mãe Andresa, da Casa das Minas, a preparar-lhe um remédio. Segundo D. Denir, várias vezes escutou Mãe Andresa dizer aos demais: "Cuidado com esta flor, que ela é do nosso jardim".

Só hoje D. Denir entende a razão das palavras da matriarca que, como ela, criou-se e cresceu na Casa das Minas, sempre acolhendo crianças e adultos que a ela recorriam em busca de soluções para resolver problemas de saúde ou mesmo sem condições de sobrevivência. Lembra D. Denir que houve ocasiões em que a Casa das Minas era transformada numa autêntica creche.

Já empregada doméstica, aos 17 anos, durante os festejos de São Sebastião em 1942, Denir "entrou na mina" para a alegria dos vodunços de Dambirá. Três anos depois, D. Denir casou-se e teve os filhos José Ribamar e Walber, que lhe deram seis netos, dos quais duas netas foram criadas por ela e lhes acompanham até hoje.

Com sessenta e seis anos de convivência no culto, D. Denir diz: "Não é atoa que sei as histórias desta casa. Não sou de ouvir-dizer. Eu ouvi o que as velhas falavam entre elas. Logo não era faladeira. O que escutava, aqui mesmo ficava", disse-nos D. Denir, que à primeira vista, mostra-se uma pessoa fechada, séria e de pouca fala, mas na realidade mantém-se quase sempre como que fazendo uma releitura de seus pensamentos, a partir do seu posto de observação.

Sobre os festejos e obrigações da Casa, D. Denir relembra com saudade o empenho que os estivadores tinham para com os festejos do Divino Espírito Santo e de Santo Rei. Com tristeza, analisa a difícil condição de realizar as festas hoje. Segundo ela, já não tem mais quem dance, quem toque, nem mesmo os voduns baixam mais. "Eu lamento, mas não posso fazer nada".

Para dedicar parte de sua vida à preservação do culto, ela teve que deixar sua casa na Avenida Kennedy e passou a viver na Casa das Minas, tão logo a chefe D. Amélia adoeceu. "Ninguém governa as coisas do culto. A ordem vem de cima. Os voduns nos dizem isto e aquilo, quem não quiser entender a mensagem vai ficar assim mesmo", completou a depoente.

Sobre o crédito nos voduns, D. Denir diz que hoje as pessoas não acham mais tempo para o seu guia espiritual, para pedir luz, força ou mensagem, mas acredita que só o tempo dará resposta. "Aqui, quem me procura eu recebo, converso. Até mesmo as pessoas que me procuram em hora imprópria, se eu puder, atendo". Mas D. Denir não se denomina uma mãe-de-santo e justifica: "Ninguém é mãe de ninguém. Nós somos vodunças-rê" (Vodunça-rê é uma categoria de vodunça da Casa das Minas).

A vodunça Denir Prata Jardim tem consciência de sua missão e lamenta o comportamento das pessoas em relação ao culto e fora dele: "Tenho conhecimento do meu dever. Aprendi na convivência com os mais velhos. Eu cresci nesta casa obedecendo ordens e respeitando a todos (...). Hoje se aprende a jogar responsabilidades nas costas dos outros (...). Se você fala, ele responde com cinco pedras na mão (...). Te cala, procura aprender pra falar, depois não vai achar quem faça por ti (...). Aqui, todos já passam dos 70, é diferente".

Em julho deste ano, D. Denir foi condecorada com a medalha do Mérito Timbira, outorgada pela governadora do Maranhão, Sra. Roseana Sarney, pelos relevantes serviços prestados à comunidade e pela preservação do culto aos voduns da Casa das Minas. Também, em face ao seu estado de saúde, ficou impossibilitada de atender ao convite feito pelo presidente do grupo Ilê Ayê, da Bahia, para fazer uma troca de experiências naquele estado.

Como responsável pelo preceito, D. Denir Prata Jardim partilha as obrigações do culto com as irmãs Celeste, de Verequête, e Maria Cesária, de Jotinho. Hoje, aos 74 anos de idade e 57 anos de culto, D. Denir mantém um dos mais autênticos e expressivos cultos da nação Mina Jeje no Maranhão